



A resignificação em Nam June Paik

Carolina Monteiro Alves¹

Discente do curso de Cinema e Audiovisual da UFPel

Resumo: Este artigo tem por objetivo realizar uma breve dissertação sobre o cinema contemporâneo no que se refere ao pioneirismo de Nam June Paik e a resignificação do papel da televisão, provocada pela desfiguração na estrutura da imagem presente na videoarte *Tv magnet*.

Palavras-chave: videoarte, televisão, vídeo, comunicação, *Tv magnet*.

Tv magnet, obra artística de Nam June Paik do ano de 1963, trata-se de uma televisão em que ele distorcia as imagens interferindo sobre a tela com um ímã – este trabalho de Paik é o que veio a inaugurar a Videoarte. Para melhor entender o realizador, temos que pensar o vídeo de forma conceitualmente melhor definida, nos apropriando da perspectiva de Philippe Dubois que compreende o vídeo em duas vertentes: a primeira em forma roteirizada, editada e exibida em tela – como o cinema e televisão; e a segunda, sendo o vídeo como um dispositivo de experiência perceptiva – um evento, instalação, algo que implique o espectador numa relação além-tela e suporte. Esta última, especialmente, é uma vertente tomada de desdobramentos e subseções. Para uma melhor concepção, vejamos o relato de Arlindo Machado na apresentação do livro *Cinema, vídeo, Godard* a respeito das definições de Philippe Dubois sobre “vídeo”:

(...) Dubois observa de início que, após um breve interregno em que se buscou uma ‘identidade’ ou uma ‘especificidade’ para o vídeo, logo seus praticantes e críticos se deram

¹ carolina.monteiro@ufpel.edu.br

conta de que esse não era o caminho mais adequado. Talvez por influência das formas padronizadas de exibição cinematográfica e televisual, a obra videográfica foi, nos seus primórdios, encarada como um trabalho singular, que se podia ver na tela de um monitor, seja no ambiente doméstico ou na sala pública. Mas ficou claro que, ao contrário de outras formas expressivas, o vídeo apresenta-se quase sempre de forma múltipla, variável, instável, complexa, ocorrendo numa variedade infinita de variações. Ele pode estar presente em esculturas, instalações multimídia, ambientes, performances, intervenções urbanas, até mesmo em peças de teatro, salas de concerto, *shows* musicais e *raves*. As obras eletrônicas podem existir ainda associadas a outras modalidades artísticas, a outros meios, a outros materiais, a outras formas de espetáculo. (...) (DUBOIS, 2004, pp. 12-13).

Assim, o que diz respeito ao nascimento desta vertente do vídeo, é que ela é percebida sendo criada com o objetivo de transformação e inovação, como uma ferramenta para criar possibilidades de experimentação sensorial, perceptiva e estética. Paik, neodadaísta, e outros artistas do seu meio, tinham a compreensão da arte pela exploração e descobrimento do uso de ferramentas diferente do objetivo para o qual foram feitas, e o interesse nas consequências dessa forma de exploração – aqui está o ponto onde a videografia encontra seu berço. Para esta exploração, o vídeo era, numa época em que nos Estados Unidos da América a glória pertencia à televisão, um prato cheio. Aliás, continua sendo.

Em tradução livre, as palavras de Paik sobre este anseio sensorial de criação, em um trecho de sua entrevista republicada pela *DIVA - Digital & Video Art Fair* de 2005, originalmente cedida a Eduardo Kac² em julho de 1988:

² Eduardo Kac (1962, Rio de Janeiro), é professor titular na *The School of the Art Institute of Chicago*, desenvolve obras de arte digital, telepresencial, transgênica e bioarte.

(...) O contexto é o conteúdo, o conteúdo é o contexto. Isso significa que a arte pura sempre se interessou nos novos horizontes das possibilidades. Quando Picasso criou o Cubismo, ele o fez porque estava cansado do Impressionismo. Monet criou o Impressionismo porque estava cansado do Academicismo. Os artistas estão sempre interessados nas novas sensibilidades – em explorar novas possibilidades. E já que a partir de hoje nós temos satélites, queremos usá-los, descobrir o que nós, artistas, podemos fazer com eles. Nós queremos tentar algo novo, em tradição a Monet e Picasso. (...) ³

Pelo trecho acima, confirmamos o quanto Nam era movido por um desejo de explorar a técnica e manejo das tecnologias, e o que elas podem fazer além do que está estipulado que façam. Essa necessidade de Paik há de se complementar no nosso pensamento admitindo a visão de Guy Debord⁴ a respeito do necessário conflito para desenvolvimento da cultura: “A luta entre a tradição e inovação, que é o princípio de desenvolvimento interno da cultura das sociedades históricas, só pode prosseguir através da vitória permanente da inovação. (...)” (DEBORD, 1997, p. 122). Toma-se, então, *Tv magnet* como sendo muito além de uma interferência física (pelo ímã) e conceitual (pela ideia), mas uma mudança histórica na compreensão da televisão como sendo um suporte comunicativo a partir da desconstrução da sua função, e os posteriores desdobramentos do vídeo.

Desta forma, encontramos na quebra de tradição promovida por Paik novos campos nos usos e funções sob os preceitos da teoria

³ In: <<http://ekac.org/paik.interview.html>>. Tradução livre da autora. Texto original: “(...) *The context is the content; the content is the context. This means that the fine arts have always been interested in the new horizons of possibilities. When Picasso created Cubism, he did so because he was tired of Impressionism. Monet created Impressionism because he was tired of Academicism artists have always been interested in the new sensibility, in exploring new possibilities. Since today we have satellites, we want to use them, discover what we, artists, can do with them. We want to try something new, in the tradition of Monet and Picasso. (...)*”

⁴ Guy Debord é um dos fundadores da Internacional Situacionista, filósofo, diretor de cinema e escritor, que, segundo César Benjamin na orelha do livro da 1ª edição de *A Sociedade do Espetáculo*, “se definia como ‘doutor em nada’ e pensador radical. (...)”.

dos Elementos da Comunicação, pois em *Tv magnet*, ele transforma toda a carga de significado convencional da televisão. Na teoria dos Elementos da Comunicação há cinco elementos essenciais: um Emissor, que emite uma Mensagem para o Receptor. Esta Mensagem é constituída em um Código e enviada por meio de um Canal, como ilustrado na Figura 1.

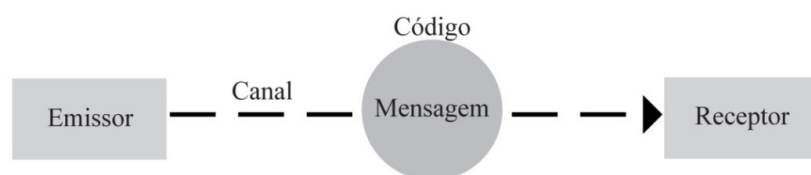


Figura 1 (imagem de autoria própria)

A televisão, portanto, é um Canal pelo qual são emitidas Mensagens pelo Código audiovisual. Em *Tv magnet* ela toma a função de Código da Mensagem, pois é com a própria distorção do vídeo, provocada pelo ímã, que Paik diz alguma coisa. Esta subversão de funções do objeto televisão é onde reside a inovação do artista, e a sua Mensagem, sendo segundo Philippe Dubois em *Cinema, vídeo, Godard* que:

Nascido na primeira metade dos anos 60 (com Paik, Vostell e Averty, seus pais fundadores), o vídeo se definiu de início, antes mesmo de recorrer a uma câmera ou a um videocassete, como uma arma contra a televisão. Ao longo da sua primeira década de existência, o único objetivo do vídeo foi sua obsessiva teleclastia. Destruir o aparelho de TV, atacar a instituição, denunciar o dispositivo, manipular os programas, desviar o fluxo eletrônico, triturar a própria imagem. Isto durou até meados dos anos 70, em sintonia com os movimentos radicais de crítica social e artística da época. (...) (DUBOIS, 2004, p.120).

Em *Tv magnet* e outras tantas de suas obras que fazem uso dos meios de comunicação, a Mensagem é justamente essa ressigni-

ficação da ferramenta e de suas funções. A reinvenção do objeto nas mãos de Nam June Paik extrapola o sentido de vídeo que havia até a televisão, onde ele desmancha a sua imagem sobre a tela interferindo no tradicional conceito atribuído ao veículo, e abrindo assim caminho para uma série de artistas repensarem a arte audiovisual – onde consolida-se a videoarte.

REFERÊNCIAS

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

SATELLITE art: an interview with Nam June Paik by Eduardo Kac. Disponível em: <<http://ekac.org/paik.interview.html>> Acesso em: 12 ago. 2013.

REFERÊNCIA FILMOGRÁFICA

NAM June Paik: Global Visionary. Smithsonian American Art Museum online exhibitions, Nam June Paik archive. Disponível em: <<http://americanart.si.edu/exhibitions/online/paik>> Acesso em: 31 ago. 2013.